

FIUME: IAÓ.

TEXTO DA NARRAÇÃO:

No princípio, quando OLORUM, o Rei do ORUM, massa infinita de ar, começou a mover-se lentamente, a respirar, uma parte desse ar transformou-se em água. O ar e as águas então moveram-se conjuntamente e uma parte deles transformou-se em lama, e essa lama originou um rochedo avermelhado. OLORUM soprou seu hálito sobre ele. E assim nasceu EXU, o primeiro ser dotado de existência individual.

Só depois do sacrifício a EXU, princípio dinâmico que estabelece as relações entre os homens e os ORIXÁS, pode começar o ciclo dos rituais para a feitura das iaós.

Já vinculadas ao culto como abians, iniciadas em primeiro grau, por terem sido recolhidas ao mesmo tempo diz-se que formam o mesmo barco. Barco que em conjunto participa dos ritos preparatórios, como o banho na fonte sagrada, antes do sol nascer ou depois que se põe.

No terreiro, espaço onde se organiza a comunidade, encontram-se todas as representações materiais e simbólicas do aiyé, este mundo, e do orum, espaço ilimitado onde habitam os ORIXÁS. O conteúdo mais precioso do terreiro é o AXÉ - força mágico-sagrada dos ORIXÁS - e que as práticas do culto do candomblé permitem mobilizar e transmitir aos homens e coisas. O ciclo ritual de iniciação tem como finalidade "plantar" essa força vital - o AXÉ - no próprio corpo das abians. Assim elas se transformarão em IAÓS, verdadeiro altar vivo, no qual, pelo transe, pode ser invocada a presença do ORIXÁ.

Durante todo o período do ritual de iniciação estarão recolhidas ao ilé axé ou roncó.

O AXÉ se transmite por meio de um sistema de trocas, de dons e contra-dons. E para que os ORIXÁS liberem o AXÉ necessário á feitura das novas IAÓS, lhes são oferecidos seus alimentos preferidos. A YALORIXÁ, mãe dos ORIXÁS, zeladora do AXÉ do terreiro, preside a cerimonia: acarajé para IANSÃ, ORIXÁ da dofona, a primeira das abians do barco, a que em primeiro lugar "bolou" possuída por seu ORIXÁ; acaçá para ISMANJÁ, ORIXÁ da dofonitinha, a segunda escolhida; pipocas para OMOLU, ORIXÁ da famo, a última a ser recolhida depois de "bolar" em transe. E ainda milho branco para OXALÁ, o pai de todos os ORIXÁS, criador de todos os seres vivos, inclusive o primeiro homem e a primeira mulher. E vários alimentos para EXU.

A quarta abian no entanto, embora acompanhe as três outras em certas obrigações rituais, não se encontra incorporada definitivamente ao barco, não está recolhida ao ilé axé ou roncó. Isto porque, ao contrário das outras,

ainda não foi possuída por um ORIXÁ.

Afim de esclarecer a situação em que se encontra a quarta abian, a Yalorixá consulta IFÁ, o Senhor do Destino, através dos búzios.

Verifica-se então que dois ORIXÁS estão em luta por sua cabeça: OGUM E IANSÁ.

Num ambiente de expectativa entre os membros da comunidade, a YALORIXÁ conduz a abian ao barracão de festas, e determina que os atabaques baterão até que, pelo transe, se defina qual dos dois ORIXÁS possuirá a nova IAO para seu culto.

Mesmo com o adarrum, toque veemente de chamada a todos os ORIXAS para que se manifestem, o transe não ocorrerá.

(entrevista com a Ialorixá)

- Nenhum "santo" baixou porque "santo" é de vontade, ele vem quando quer, porque eu não forço orixá nenhum a vir. Ele venha quando quiser. Porque eu não aceito que uma pessoa tenha um orixá e pra ele vir tem que obrigar a natureza, pra ele vir obrigado. Se eles entender de bater candomblé uma semana e nenhum orixá vir, eu deixo. Não obrigo. Porque pra vir e fingir que é santo, não dá pra mim. Eu explodo no meio da sala. Porque eu conheço "santo" e conheço também o diabo, quem tá de santo fingido, santo de cachaça, eu conheço tudo.

- É Iansan e Ogum que estão lutando pela cabeça dela?

- É. Mas eu já fiz a separação.

- E qual é a decisão?

- A decisão é que eu já separei. Leva pra camarinha e chama o "santo", o que chegar primeiro é o dono da cabeça. E foi Iansan que chegou.

- Foi Iansan que chegou?

- Foi. Ela chegou porque o lugar é dela. O Outro chegou depois porque é "achêgo". Trabalho de candomblé é um trabalho que mexe muito com o juízo. Mexe com o juízo demais. (fim da entrevista)

Como compreender o transe? Não se realiza num momento em que é ansiosamente desejado por toda a comunidade, e pela própria abian que se supõe apta a experimentá-lo. Ocorre porém, dias depois, numa garota sem iniciação, de forma inteiramente inesperada.

É a força do AXE que permite que o ORIXA seja e se realiza através do transe. Forças reguladoras dos fenômenos cósmicos, sociais e individuais, os ORIXAS são incorporados, conhecidos e vividos através da experiência da possessão. O transe exprime, aquí e agora, a existência de um sistema religioso, com seus deuses e mitos, de um sistema de conhecimentos, de uma doutrina. Esse conhecimento porém só pode ser atingido quando incorporado de modo ativo, pelo transe.

00 0.1.1.1.1.

(entrevista)

- Quando está tocando candômblé que o orixá quer me apanhar eu sinto as pernas tremer, sobe um negócio que toma meu coração, minha cabeça cresce, eu vejo uma luz azul. Eu procuro uma pessoa pra pegar e não acho. E não vejo mais nada. Para mim o orixá é como uma espécie de vento alguma coisa que se aproxima como o vento e que encosta, parecendo um choque no coração. Quantas pancadas dá no rum dá no meu coração. A cabeça cresce e eu vejo uma luz azul e no meio da sala parece que se forma um buraco. Eu quero correr, quero pegar uma pessoa e não posso. E aí não vejo mais ~~nada~~ nada. (fim da entrevista)

Além do culto dos ORIXÁS, o terreiro dedica-se também ao culto de outras entidades, os caboclos, que têm aqui como patrono TUMBA JUNSSARA, o Rei dos Astros, recebido pela YALORIXÁ.

Ao que parece um sincretismo de tradições angola e banto com o catim bó indígena, o culto dos caboclos não pode mesclar-se com o dos ORIXÁS. Num ritual preliminar, a festa que agora lhes é feita tem a finalidade de despedi-los, para que se mantenham afastados do terreiro e não se manifestem nem interfiram durante o tempo em que a comunidade se dedica ao nascimento das novas IAÓS.

O mato de modo geral é sagrado. É morada de ORIXÁS, como OXOSSI, que preside a caça; a vegetação porém tem como patrono OSSÃE ou AGUÊ. Somente os sacerdotes que possuem seus segredos podem colher as ervas e plantas portadoras de AXÊ, e que serão utilizadas no roncô, nos ritos de iniciação. Cada ORIXÁ possui suas próprias ervas, e a sacerdotiza as colhe de acordo com o AXÊ específico que elas contêm; AXÊ esse correspondente ao ORIXÁ individual que será "plantado" no corpo de cada uma das abians recolhidas.

Encerrados os ritos preliminares e preparatórios, o membro da equipe que acompanhará os trabalhos de iniciação no interior do roncô, faz a limpeza de corpo com o ebó para EXU.

Na água de amassi, infusão de ervas portadoras de AXÊ, usada na lavagem da cabeça, repousam as contas nas côres simbólicas dos ORIXÁS. Além do xaorô sonoro preso ao tornozelo, como sinal de sujeição à YALORIXÁ e ao terreiro, a abian usará outros objetos simbólicos feitos de contas ou de palha. Dentre todos destaca-se o kelê; feito em contas, com as côres do ORIXÁ, preso ao pescoço ele não será retirado antes de três meses.

FAISCA, PRINCEZINHA e CRAVO ROXO são os erês ou entidades de comportamento infantil que habitam normalmente as abians recolhidas. Somente saem desse estado quando incorporam os ORIXÁS durante as obrigações de iniciação.

Terminadas a catulagem e a raspagem, rítos que simbolizam a desintegração de uma personalidade, sob o alá, bata branca símbolo de OXALÁ, o ORIXÁ da criação, os ORIXÁS repousam em posições extáticas de transe. Como sinal de renascimento da nova ~~personalidade~~ individualidade, anunciam em segredo seus nomes à YALORIXÁ.

Como agora, as abians sairão sete vezes do roncô para o barracão de festas. Estas saídas rituais serão assistidas apenas pelas pessoas diretamente ligadas ao terreiro, e nelas as abians aparecem pintadas e vestidas de branco, a côr de OXALÁ, ou pintadas e vestidas com as côres simbólicas de seus ORIXÁS.

Lançando os obis - nozes de cola - a Yalorixá consulta os ORIXÁS e se assegura de que êles aceitam a cerimonia do BORI. O BORI tem como finalidade fortalecer o AXÊ individual de cada abian, para que possam enfrentar as etapas seguintes da iniciação. A cabeça se alimenta e a abian se liga mais estreitamente ao seu ORIXÁ e ao AXÊ do terreiro.

A escravidão destruiu as formas sociais que o negro mantinha na África, suas linhagens, clans, aldeias e realezas. Mas não pode destruir os mitos e os deuses que traziam no próprio corpo, que podiam ser invocados ao som dos atabaques e revividos pela possessão. Numa sociedade dividida entre senhores e escravos, o culto dos ORIXÁS foi o único elemento de integração e de resistencia cultural do negro à inteira dominação dos valores brancos.

Além da prática religiosa, estas comunidades hoje estão unidas por compor-

tamentos culturais que recriam a herança legada por seus antepassados africanos. Ao reconstituir a aldeia africana de origem, o candomblé não só consagra regras de confraternização religiosa como também restabelece formas de comportamento, de afetividade e modelos de assistência mútua. Na periferia da moderna sociedade brasileira, os negros fiéis à África de seus pais vivem simultaneamente duas culturas, sem que neles elas se choquem ou se misturem. Graças a essa mentalidade que lhes permite viver ao mesmo tempo a fábrica e o candomblé, o culto dos ORIXÁS sobreviveu à vigilância policial, às pressões, repressões e preconceitos.

Para mobilizar seu AXÊ individual, e assim poder acompanhar os ritos finais de iniciação, o membro da equipe oferece a OXALÁ, o ORIXÁ que preside a criação, ebô - milho branco cozido.

No princípio nada existia além de ar.

OLORUM, o Rei do ORUM, era uma massa infinita de ar. Quando começou a mover-se lentamente, a respirar, uma parte do ar transformou-se em água, dando origem a OXALÁ, o ORIXÁ do branco, pai de todos os ORIXÁS. Um dia, quando OOLORUM decidiu criar a terra, chamou OXALÁ e entregou-lhe o "saco da existência". OXALÁ chamou ODÚA, ORIXÁ do princípio feminino, e partiu. No caminho porém OXALÁ teve muita sede, golpeou uma palmeira com seu cajado e bebeu de sua seiva até embriagar-se e cair desfalecido no chão. E dormiu. ODÚA então abriu o "saco da existência" e criou a terra. Quando OXALÁ acordou, vendo o que ODÚA havia feito, foi queixar-se a OOLORUM, o Rei do ORUM. E foi então, para apaziguar OXALÁ, que OOLORUM ~~transmitiu~~ transmitiu-lhe a sabedoria profunda e o poder de criar todos os seres da terra, como as árvores, plantas, ervas, animais, aves, pássaros, peixes e os humanos. OXALÁ e ODÚA fizeram as pazes. São representados por duas meias-cabaças, uma cobrindo a outra. A que fica em baixo representa ODÚA, a terra, princípio genitor feminino; e a que a cobre, OXALÁ, o céu. É de esta relação harmoniosa entre os dois ORIXÁS que depende a continuação de toda a existência e a sobrevivência do universo.

Antes do SUNDIDÊ, pacto de sangue, a sacerdotiza inscreve no corpo da abian os sinais da "nação" a que pertence a comunidade-terreiro. O sinal em cruz no centro da cabeça marca o lugar de passagem do ORIXÁ. A cruz acompanhada de sete barras verticais identifica a "nação" gege.

No SUNDIDÊ a noviça abian já despojada de toda sua individualidade se integra na massa de origem, para renascer como uma porção descendente dela. O sangue do animal sacrificado se converte em AXÊ; carrega a simbologia que permite restituir ao orixá a energia e a função - cósmica, social e individual - que ele representa, e que terá de liberar para o nascimento da nova iaô.

As noviças-abians compartilham as substâncias símbolos do AXÊ do ORIXÃ, compartilham sua força e qualidades. Devolvendo aos orixás uma parte do AXÊ do qual ele mesmo se nutre, o homem assegura sua própria sobrevivência e a possibilidade de renascimento.

Através da oferenda ou do sacrifício se estabelece uma relação de trocas de AXÊ entre o aiyé, este mundo, e o orum; entre os seres do aiyé e a grande massa primordial representada pelas duas meias-cabaças, OXALÃ e ODÛA, agora ventre fecundado e capaz de gerar novas porções individualizadas de si mesmo.

A supressão do tráfico negreiro impediu a renovação de africanos iniciados no culto dos ORIXÁS, mas não interrompeu as relações religiosas entre o Brasil e África. Inúmeros foram os babalaôs e babalorixás baianos que se dirigiram à África afim de aprofundar conhecimentos, depois incorporados à prática do candomblé.

Hoje as relações religiosas entre os dois continentes se fazem sobretudo por um ativo comércio de objetos sagrados. São comprados no Mercado Modelo, em Salvador, a preços turísticos, o que exige a mobilização dos recursos disponíveis do terreiro e de meses de trabalho das famílias das abians.

Para o afro-brasileiro a África continua a ser a terra de origem, a terra sagrada. E os objetos sagrados, búzios, contas, limo e sabão da costa, nozes de cola, palha, na maioria das vezes não admitem substitutos locais. Eles transmitem mais AXÊ. Vieram da terra de onde, um dia, no corpo de seus ancestrais, chegaram os ORIXÁS todo poderosos.

Terminados os rituais de iniciação no interior do roncô, as abians se preparam para o terceiro e último SARAPOCÃ, a grande festa em que serão anunciados os nomes dos novos ORIXÁS. Elas sairão três vezes, na presença de babalorixás, Ialorixás e fiéis de outros terreiros. Agora elas se pintam de branco, a côr de OXALÃ, para a primeira saída.

(entrevista)

- O Governador assinou um decreto afirmando que o candomblé agora é religião livre.

- Tinha que ser assim.

- Mas houve um tempo que não foi assim. Como é que você recebe essa notícia?

- Alvissareira. Cachoeira, São Félix, Muritiba, Santo Amaro, Maragogipe, enfim toda essa bacia aqui.

- E o que é que acontecia?

- Acontecia assim: eles sabiam que estavam batendo candomblé, ou que estavam fazendo qualquer obrigação, então ia a milícia e tomavam os atabaques, pisavam a pé o pegi e levavam o que havia de melhor. Tem sempre coisas boas, finas nesses recintos. O segrêdo eles levavam, Mas eles tinham um retrocesso: alguns deles tornavam-se filhos de santo da própria casa.

- Quando aconteceu isso?

- Há 30, 32, 35 anos atrás. Eu era ainda rapazote mas me lembro de tudo. Existe um indivíduo chamado Tio Fadô, estamos perto da residência dele, que foi prêso e carregou parte do pegi na cabeça, num balaio. Tempos depois o chefe da milícia tornou-se filho de santo dele. Chamava-se Macambira. Dançou de saia pra todo mundo ver. Eles pregavam um prego caibral no crâneo, introduziam no ânus cassetetes lambuzado com betume ou glicerina, amarravam no tronco e batiam até matar, davam meio de óleo de ricino com ponta de charuto dentro pra beber, obrigavam a tomar banho de madrugada com água gelada. Havia todas essas coisas. Picavam nós lambuzados em mel de abelha em cima de um formigueiro pra formiga dilacerar. Tudo acontecia aqui na região. Eu me lembro de tudo. Uma coisa terrível. Hoje tudo se transformou de uma maneira que o bem venceu o mal. Aí está a coisa.

- Temos o exemplo de Angola, Moçambique e de todas as colônias portuguesas que mantinham a escravidão. Hoje eles estão libertos, inclusive tem brasileiros, cachoeiranos que estão lutando em benefício de nosso povo. Estão todos lá. (fim da entrevista)

**OMOLU, ORIXÃ** da terra, é a imagem coletiva dos ancestrais e de todos os espíritos do mundo. Com xaxará, cetro sagrado que traz na mão, castiga e varre as doenças epidêmicas, como a varíola. Por baixo do ikó, vestimenta de fibras de palmeira africana, oculta o mistério da morte e do renascimento.

**IANSÊ, ORIXÃ** do vento e das tempestades, do ar em movimento, dos raios e relâmpagos - o fogo é seu elemento essencial. Mãe dos eguns, é a rainha da morte.

**IEMANJÁ** é o **ORIXÃ** da água, mãe de todos os **ORIXÃS**, mãe das águas. De seus seios brotam todos os rios da terra.

Com as novas **IAÓS** o culto aos **ORIXÃS** terá continuidade, os **ORIXÃS** virão à terra sempre que invocados, no corpo de suas **IAÓS** dançarão vitoriosos para seu povo revivendo os mitos que falam da grande cabaca mãe, ventre do universo, que esconde os mistérios da morte e do renascimento, da continuidade da vida e da esperança. AXÉ.